



**DA ELABORAÇÃO PROGRESSIVA DOS
PENSAMENTOS NA FALA
HEINRICH VON KLEIST**

Tradução do alemão por Carlos Alberto Gomes dos Santos
Revisão técnica da tradução por Lucia Ricotta e Florian Klinger

DA ELABORAÇÃO PROGRESSIVA DOS PENSAMENTOS NA FALA

Quando quiseres saber algo e não o consegues através de meditação, aconselho-te, meu caro, sagaz amigo, a falar a respeito com o primeiro conhecido que esbarrar em teu caminho. Não é necessário ter uma mente aguda, também não quero dizer que devas questioná-lo sobre o assunto: não! Ao invés, tu mesmo deves de imediato falar-lhe. Vejo-te com olhos espantados e me respondendo que, anos atrás, já te haviam dado o conselho de não falar nada além das coisas que entendes bem. Porém, naquele tempo, provavelmente falavas com a astúcia de instruíres aos *outros*, e agora quero que fales com a sensata intenção de instruíres a *ti* mesmo, e dessa forma ambas as regras de prudência, distintas para diferentes casos, talvez possam existir bem uma ao lado da outra. O francês diz *l'appétit vient en mangeant*, e este provérbio continua verdadeiro se o parodiarmos e dissermos *l'idée vient en parlant*. Muitas vezes me sento à escrivadinha em meio aos processos e estudo o ponto de vista de uma causa complicada a partir do qual ela possa ser bem julgada. Então costumo olhar para a luz, como se para o ponto mais claro, num esforço de me iluminar que envolve meu mais profundo ser. Ou procuro, quando me surge uma tarefa algébrica, o princípio, a equação que expressa as relações dadas da qual resulta facilmente a solução após se efetuar o cálculo. E vê, quando falo a respeito disso com minha irmã, que trabalha sentada atrás de mim, então percebo aquilo que talvez não teria sido descoberto depois de pensar horas a fio. Não que ela, de fato, me *dissesse* isso; pois ela não conhece o Código Penal nem estudou Euler ou Kästner. Muito menos que me levasse

ao ponto em questão através de perguntas inteligentes, mesmo que muitas vezes seja este o caso. Mas porque tenho uma idéia vaga relacionada de longe àquilo que procuro. Assim, no momento em que me atrevo a começar, à medida que a fala avança, o espírito se molda na necessidade de também achar um fim para o início, aquela idéia confusa para a completa clareza, de tal sorte que, para a minha surpresa, o conhecimento se elabora junto à frase. Mesclo sons desarticulados, demoro-me nas conjunções, utilizo também um aposto, onde não seria necessário, e me sirvo de outros recursos artísticos para prolongar a fala e ganhar tempo, que permita a confecção de minha idéia na oficina da razão. Nisso, não há nada mais salutar do que um gesto de minha irmã, como se quisesse me interromper; pois meu espírito já exausto se torna ainda mais excitado por meio dessa tentativa, vinda de fora, de tirar-lhe a posse da fala, e tem a capacidade de aumentar sua tensão, tal qual um grande general, quando impelido pelas circunstâncias. Neste sentido, percebo como poderia ser útil a Molière a sua criada; pois quando lhe confiava, conforme declara, um parecer que poderia corrigir o seu, tratava-se de uma humildade que eu não supunha existir em seu coração. Há uma estranha fonte de entusiasmo, para quem quer que fale, em ter um rosto humano diante de si; e um olhar, que já nos sinaliza o entendimento de um pensamento formulado pela metade nos presenteia muitas vezes com a expressão da metade que resta. Eu acredito que todo grande orador, quando abria a boca, ainda não sabia o que diria. Mas a certeza de que criará o fluxo de idéias necessário às próprias condições e à resultante excitação de seu ânimo, fez com que ele fosse audaz o bastante para começar, contando com a boa sorte. Ocorre-me aquele “trovão” com que Mirabeau despachou o mestre-de-cerimônias que, depois de encerrada a última audiência monárquica do rei em 23 de junho, na qual ordenara a dispersão dos estados, voltou ao salão de reunião onde os estados ainda se encontravam e lhes perguntou se ouviram a ordem do rei. “Sim”, respondeu Mirabeau, “ouvimos a ordem do rei” - estou certo de que com esse afável início, ainda

não pensava nas baionetas, e com que concluiu: “Sim, senhor”, repetiu, “a ouvimos”, vê-se que ele ainda não sabe direito o que quer. “Mas o que lhe dá o direito” – prosseguiu, e repentinamente é tomado por uma fonte de extraordinária imaginação – “de nos dar ordens aqui? Somos os representantes da nação”. Era o que precisava! “A nação dá ordens, mas não recebe nenhuma”, para chegar bem no limite da presunção. “E para que me explique bem claramente a você”, e aqui encontra pela primeira vez aquilo que constitui a completa resistência para a qual o seu espírito está preparado: “então diga ao seu rei que não abandonaremos nossos postos, a não ser com a violência das baionetas”, e assim se sentou numa cadeira, satisfeito consigo mesmo. Quando se pensa no mestre-de-cerimônias, nessa aparência, só se pode imaginá-lo como um espírito em completa decadência; semelhante a uma lei segundo a qual um corpo sem eletricidade, quando entra no campo que envolve um corpo eletrizado, repentinamente se desperta a eletricidade contrária. Assim como no eletrizado, no qual, depois de uma ação recíproca, o seu nível de eletricidade aumenta, a coragem de nosso orador, com a destruição de seu adversário, se transforma no mais audacioso entusiasmo. Assim, talvez finalmente tenha sido o franzir do lábio superior, ou, um gesto ambíguo do punho, que provocou a subversão na ordem das coisas na França. Lê-se que Mirabeau, assim que o mestre-de-cerimônias se retirou, levantou-se e propôs: 1) constituir imediatamente a assembléia nacional, e 2) dar-lhe imunidade. Assim, por ter-se esvaziado, como uma garrafa de Kleist¹, tornou-se novamente neutro e, de volta à temeridade, deu vazão à atenção e ao medo de Chatelet. Essa é uma notável concordância entre os fenômenos do mundo físico e moral, a qual também seria confirmada, se quiséssemos buscá-la, nas circunstâncias secundárias. Mas deixo de lado minha analogia e retorno ao ponto em questão. La Fontaine, em sua fábula: les animaux malades de la peste, na qual a raposa é obrigada a

¹ “Garrafa de Kleist ou de Leiden” refere-se a uma espécie primitiva de capacitor, dispositivo capaz de armazenar energia elétrica. Foi inventada acidentalmente em 1746 por Pieter van Musschenbroek, professor da Universidade de Leiden, Países Baixos, que estudou suas propriedades e a popularizou. Um dispositivo similar foi descrito pouco antes (1745) por Ewald Georg von Kleist.

fazer uma apologia ao leão, sem saber de onde extrair a matéria, dá um exemplo notável de uma elaboração progressiva do pensamento a partir de um começo difícil. Essa fábula é conhecida. A peste devasta o reino animal; o leão então reúne os líderes e lhes comunica que uma vítima deverá ser abatida ao céu, pois este devia ser apaziguado. Havia muitos pecadores entre eles, a morte do maior salvaria os outros do extermínio. Por isso, eles deveriam confessar-lhe com franqueza suas transgressões. Ele, por sua vez, confessava que, na ânsia da fome, matou uma ovelha; e o cão-pastor que se aproximou demais dele; sim, para ele, devorar o cão-pastor foi um momento de deleite. Caso ninguém acusasse fraquezas maiores, então ele estaria pronto para a morte. “Senhor”, disse a raposa, que queria desviar o mau tempo de si, “é bondoso demais. Seu precioso zelo o leva longe demais. O que há de mal em estrangular uma ovelha? Ou um cão, esse animal sem valor?” E: “quant au berger”, continuou, pois eis aqui o ponto principal, “on peut dire”, embora ainda não saiba o quê, “qu’il méritoit tout mal”, na melhor das hipóteses; e assim ela se complicou; “étant”, uma frase ruim, mas que lhe dá tempo, “de ces gens là”, e somente agora encontra a idéia que a livra da difícil situação: “qui sur les animaux se font un chimérique empire”. E agora ele confirma que o burro sedento de sangue! (que come todas as ervas) é a vítima mais condizente, e assim todos caem sobre ele a fim de cortá-lo em pedaços. Tal fala é um autêntico pensamento em voz alta. As sucessões de idéias e suas expressões seguem uma ao lado da outra, e os atos mentais de uma e de outra convergem. Então, a língua não é uma prisão, algo como um obstáculo na roda do espírito, mas é como uma segunda roda que corre paralelamente em seu eixo. Algo bem diferente ocorre quando o espírito, antes de toda fala, se realiza junto ao pensamento. Pois então ele tem que recuar de sua simples expressão, e esta operação, longe de excitá-lo, tem o único efeito de desviá-lo de sua excitação. Portanto, quando uma idéia é expressa confusamente, não se deve concluir que ela também foi pensada assim. Ao invés, pode facilmente acontecer que aquilo que foi expresso

de forma mais confusa seja exatamente o que foi pensado mais claramente. Vêm-se, freqüentemente, numa comunidade em que ocorre uma fecundação contínua dos espíritos com idéias, através de uma conversa animada, pessoas que normalmente se mantêm à distância porque não se sentem aptos à fala e que repentinamente se inflamam num movimento brusco, e se apoderam da palavra e concebem algo incompreensível. Sim, parece que, uma vez que atraíram a atenção de todos para si, esclarecem com um ar desconcertado que elas mesmas não sabem direito o que queriam dizer. É provável que essas pessoas tenham pensado algo bem acertado e assaz claro. Mas a súbita mudança, a passagem de seu espírito desde o pensamento à expressão acabou com toda a excitação exigida para a conservação da idéia, bem como para a sua manifestação. Em tais casos, é ainda mais essencial que a palavra esteja facilmente à nossa disposição para que tenhamos aquelas coisas, as quais pensamos de uma só vez, ainda que não possamos pronunciá-las de uma única vez, seguindo ao menos uma à outra tão rápido quanto possível. Todo aquele que, com igual clareza, fala mais rápido que seu adversário, terá vantagem sobre ele, pois é como se ele tivesse enviado mais tropas ao campo. Quão importante é a devida excitação do espírito, apenas para que se reproduzam idéias que já tivemos, vê-se muitas vezes, quando se examinam cabeças abertas e instruídas, sem introdução prévia, como se fazem tais perguntas: o que é o Estado? Ou: o que são os bens? Ou coisas do gênero. Se esses jovens tivessem feito parte de um grupo, no qual durante muito tempo se tivesse conversado sobre o Estado ou sobre os bens, então talvez encontrassem a definição com facilidade por meio de comparação, eliminação e síntese dos conceitos. No entanto, aqui, onde há completa carência dessa preparação do espírito, vê-se que eles hesitam, e somente um examinador sem compreensão concluirá que eles não *sabem*. Pois não somos *nós* que sabemos, é, antes de tudo, certo *estado* nosso que sabe. Somente espíritos bem infames, pessoas que memorizaram ontem o que é o Estado e amanhã já o esquecerão, terão a resposta à mão. Talvez não haja mesmo

oportunidade pior para se mostrar um lado vantajoso do que num exame público. Deixando de lado o fato de que é repugnante e prejudicial à delicadeza e porque é excitante mostrar-se rebelde, quando um instruído comerciante de cavalos nos interroga sobre nossos conhecimentos, para, dependendo se são cinco ou seis, nos comprar ou nos deixar ir embora de: é tão difícil brincar com um espírito e extrair-lhe seu genuíno tom, ele destoa tão facilmente sob mãos desajeitadas, que mesmo o mais treinado conhecedor de homens, o mais exímio na arte de parir idéias, como Kant a chama, poderia cometer erros aqui por não conhecer a sua cria. O que, além disso, dá um bom testemunho a tais jovens, até aos próprios que menos sabem, é o fato de que os estados de espírito dos examinadores, caso o exame for público, ficam eles próprios muito desconcertados ao fazer um julgamento livre. Pois não somente eles sentem freqüentemente a indecência de todo esse processo: já nos envergonharíamos de pedir a alguém que esvaziasse sua carteira diante de nós, mas muito menos sua alma: ao invés, sua própria razão precisa passar, neste caso, por perigosa inspeção, e muitas vezes eles podem agradecer a seu Deus se eles mesmos puderem sair do exame sem se descobrirem mais infames talvez do que o jovem que acabou de vir da universidade, e que eles examinaram.

Continuação.